

aniki

Revista Portuguesa da Imagem em Movimento
Portuguese Journal of the Moving Image

Editorial v11n1

Sofia Sampaio

Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

Rui Lopes

Instituto de História Contemporânea, NOVA-FCSH/IN2PAST

Arlindo Horta

CRIA/NOVA-FCSH

Patrícia Sequeira Brás

Universidade de Coimbra/ Ceis20

Tiago Fernandes

Instituto Politécnico de Bragança/ LabCom

Neste primeiro número de 2024, a *Aniki* junta-se às comemorações dos 50 anos do 25 de Abril – o golpe militar que pôs fim a uma das mais longas ditaduras do século XX, abrindo caminhos de emancipação social, cultural e política que se estenderam muito para lá dos limites temporais e espaciais em que ocorreu. Do ímpeto anticolonial e revolucionário que marcou ‘os anos de Abril’ resultaram imagens que fazem parte de um vasto repositório mundial no qual a história das revoluções e a história do cinema se confundem.

Foi este o ponto de partida para o dossier temático sobre cinema e revolução, organizado pelos editores-convidados Mickaël Robert-Gonçalves (CEIS20, Universidade de Coimbra), Nicole Benez (Universidade Sorbonne Nouvelle) e Bani Khoshnoudi (artista e investigadora independente), que agora se publica. São cinco os ensaios que o integram, cobrindo cine-culturas em torno de momentos revolucionários tão distintos como os *événements* de Maio de 1968, em França; a luta armada, nos anos 60, contra a ditadura militar brasileira (1964-1985); a transição para a democracia em Espanha, vista através de uma cooperativa catalã de cinema militante (1974-1981); a Revolta do Poder Popular (1983-1986) que derrubou a ditadura de Ferdinand Marcos, nas Filipinas; e a revolução ‘televisionada’ de Dezembro de

1989, na Roménia. Como sempre, a capa escolhida é alusiva ao dossier temático. Neste caso, remete para *Bom Povo Português* (1981), um filme de Rui Simões (argumento, produção e realização), produzido pela Cooperativa Virver com financiamento do IPC – Instituto Português do Cinema. Agradecemos à Real Ficção por nos permitir usar este fotograma.

Para além destes, temos mais três ensaios. Dois deles reconsideram a função e o impacto de elementos cinematográficos em diferentes tipos de filmes, nomeadamente o uso da paisagem em obras de ficção sobre a II Guerra Mundial ao longo das décadas e o uso do som na *mise en scène* de documentários brasileiros contemporâneos. O terceiro artigo foca-se nos esforços de António Lopes Ribeiro por internacionalizar a produção e distribuição fílmicas na primeira metade do século XX, demonstrando como o estudo da história do chamado ‘cinema português’ deve ter em conta os condicionamentos geopolíticos do Estado Novo.

As duas entrevistas deste número servem de complemento temático ao dossier. Na primeira, Nicole Brenez e Cyrus Boyer conversam com Jacques Kébadian, cineasta de acentuada intervenção política, cujo percurso se cruzou com o de Bresson e de Godard, mas que permanece relativamente desconhecido de um público alargado. Na sua filmografia, a prática do cinema é indissociável da prática revolucionária. Uma alimenta a outra, como se perceberá pela leitura desta rara entrevista, na qual Kébadian reflete sobre o seu engajamento enquanto cineasta e ativista político. Num segundo momento, Carlos Natálio entrevista José Bogalheiro, que nos oferece uma reflexão sobre o seu percurso como produtor, teórico e pedagogo, com destaque para o papel central que desempenhou na configuração do ensino de cinema em Portugal durante os anos em que foi diretor do Departamento de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), em Lisboa.

A secção seguinte inclui a recensão de Inês Ponte ao livro de homenagem a Joana Pimentel, *A Coleção Colonial da Cinemateca* (2020), organizado por Tiago Baptista. Esta obra, editada pela Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, reúne o trabalho de longa duração que Pimentel desenvolveu sobre um conjunto de filmes que reflectem a presença de Portugal nos territórios que colonizou, num esforço de pesquisa que coincidiu com a política de conservação promovida pela Cinemateca e pelo ANIM. Na mesma secção, podemos ler também a recensão de Lilian Lopes a *Ida Lupino, Filmmaker* (2021). Editado por Philip Sipiora e publicado pela Bloomsbury, o livro preenche uma lacuna nos estudos

filmicos sobre esta realizadora, mas propõe igualmente dar a conhecer o seu percurso como atriz.

Na secção ‘Exposições e Festivais de Cinema’, Guiomar Ramos propõe uma reflexão sobre o exercício de curadoria, num texto que analisa a retrospectiva do cineasta brasileiro Carlos Reichenbach, que integrou a edição de 2022 do Festival Internacional de Cinema DocLisboa. A partir da experiência da própria autora e dos contributos de Joana de Sousa, curadora e chefe de programação do festival, somos confrontados com algumas especificidades e desafios inerentes ao processo de curadoria para cinema.

Deixamos ainda aos nossos leitores uma breve nota sobre o Encontro de Editores de Revistas Académicas em Ciências Sociais e Humanas que a *Aniki* organizou na Biblioteca Nacional, em Lisboa, no passado dia 10 de Outubro. Dividido em quatro painéis temáticos – ‘Experiências de fundação e reorganização’; ‘Ética na publicação’; ‘Gestão e trabalho’; e ‘Internacionalização e indexação’ –, o evento contou com os seguintes oradores convidados: Tiago Baptista (*Aniki*); Elisa Lopes da Silva (*Práticas da História*); Humberto Martins (*Etnográfica*); Maria Assunção Gato (*CIDADES, Comunidades e Territórios*); Sofia Sampaio (*Aniki*); Cyril Isnart (*Lusotopie*); Marta Castelo Branco (*Análise Social*); Mónica Rodrigues (*Etnográfica*); José Vicente Serrão (*Ler História*); Clara Carvalho (*Cadernos de Estudos Africanos*); Nuno de Almeida Alves (*Portuguese Journal of Social Science*); e António Firmino da Costa (*Sociologia, Problemas e Práticas*).

Para além da troca de experiências entre os vários editores, revistas e públicos, que se revelou extremamente enriquecedora, o encontro ofereceu um espaço de reflexão sobre os desafios – do foro ético, académico e profissional – que se colocam à edição de revistas científicas. Salvaguardadas as especificidades de cada disciplina, bem como o âmbito e os objectivos de cada publicação, como poderemos estar à altura dos exigentes padrões internacionais que envolvem um número elevado de colaboradores qualificados, incluindo editores, avaliadores/pareceristas e revisores de texto? Como implementar fluxos de trabalho rigorosos que consigam garantir a integridade científica dos textos que publicamos, tendo em conta as condições de escassez de tempo e recursos que, não raras vezes, caracterizam o trabalho editorial? Sendo do conhecimento geral que as revistas científicas ocupam um lugar importante quer na missão de divulgação da investigação avançada quer na construção de carreiras académicas, como assegurar que elas

assentem no trabalho estável de profissionais especializados, devidamente valorizados? Que papel poderão desempenhar, na prossecução destes objectivos, as agências nacionais de financiamento, como a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), as associações que vivem das quotas dos seus associados (como a AIM), as unidades de investigação e as universidades?

Estas e outras questões fazem-nos acreditar que o sucesso de uma revista como a *Aniki* passará, necessariamente, pela criação de uma comunidade alargada de autores, editores, revisores e leitores empenhados em discutir o actual estado da edição de revistas académicas em ciências sociais e humanas e em tomar as medidas necessárias para a criação de um ecossistema editorial mais sólido. Precisamos de fortalecer os laços que já nos unem e construir, juntos, os futuros que queremos percorrer e deixar, como legado, a outros.